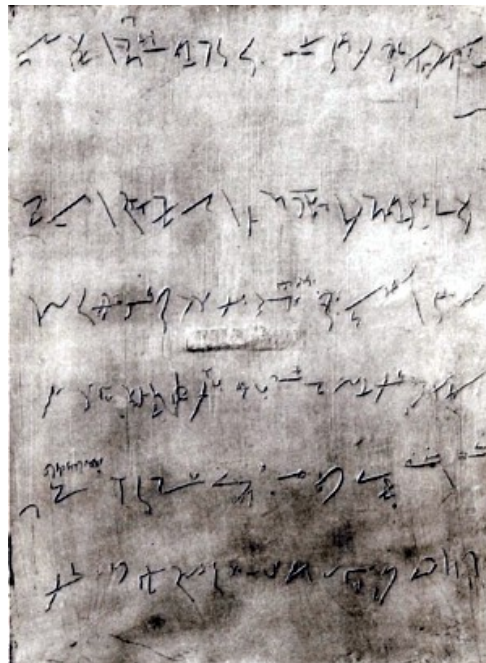


AS NOTAS TIRONIANAS

O PRIMEIRO SISTEMA ORGANIZADO DE TAQUIGRAFIA

Por: Waldir Cury



**Tabuleta encerada do século III d.C.
com Notas Tironianas.
(British Museum)**

AS NOTAS TIRONIANAS

Notae Notariorum ou *Notae Tyronianae*.

O PRIMEIRO SISTEMA ORGANIZADO DE TAQUIGRAFIA

Por: Waldir Cury

A invenção da taquigrafia foi atribuída, por alguns estudiosos, aos gregos. Basearam-se nas afirmações de Diógenes Laércio e de Plutarco.

Diógenes Laércio, historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos, menciona (*Memorabilia Socratis*, II, 48) que Xenofonte, discípulo de Sócrates, “publicou as coisas que se diziam, havendo-as registrado com **abreviações**” (*quae dicebantur notis excepta in publicum edidit*).

E Plutarco conta que Xenofonte *recolheu as palavras de Sócrates com uma escrita, cujas abreviações consistiam em apócopies e sinais que exprimiam muitas sílabas e palavras* (399 a.C.)

Mas as palavras usadas por Plutarco e Diógenes Laércio (ipo semeíon = mediante sinais) não parecem significar, de acordo com alguns eruditos, um autêntico sistema de taquigrafia, mas, antes, anotações abreviadas.



Se considerarmos que escritores como Plutarco, historiador e biógrafo grego, e Tucídides, historiador também grego, não fizeram nenhuma alusão ao surgimento de um *sistema organizado de taquigrafia grega*, temos a maior prova de que esta invenção pelos gregos não se tenha dado.

Plutarco, de fato, reconheceu a romanidade da invenção, e Tucídides, na sua “História do Peloponeso”, escreve um trecho em que menciona *quão difícil era conservar os discursos que antes ou depois da guerra haviam sido pronunciados*”.



Se houvesse uma taquigrafia grega, dizem os estudiosos, Plutarco certamente teria falado amplamente sobre ela e Tucídides não teria insistido sobre a dificuldade de reproduzir fielmente os discursos dos oradores. Plutarco, quando fala da invenção das Notas Tironianas, menciona Cícero, romano. Segundo Plutarco, a invenção da taquigrafia teve lugar em Roma e desta cidade foi levada para a Grécia.

Embora, na Grécia, tenham florescido tantos oradores célebres, como Antifonte, Górgias, Lísias, Isócrates, Ésquines, Demóstenes, e filósofos, como Protágora, Sócrates, Platão e Aristóteles, não houve, ao que tudo indica, um “sistema organizado de taquigrafia”; e, além disso, é fato conhecido que os discursos, de estilo apurado, eram escritos antes de serem pronunciados. Passavam por uma longa elaboração. Isócrates, por exemplo, trabalhou dez anos no seu célebre discurso, o “Panegírico”.

É certo que na Grécia também tenha existido uma taquigrafia. Então, a pergunta que se faz é a seguinte: **quando** esta forma de escritura apareceu pela primeira vez na Grécia?

Um primeiro sinal da existência do uso da taquigrafia na Grécia pode ser destacado na chamada “Carta de Dionísio” (27 d. C.). Nessa carta, Dionísio, escrevendo à própria irmã Dídime, queixa-se com ela pelo fato de “*não haver recebido nenhuma carta dela, nem em caracteres comuns, nem na escrita estenográfica.*” Por esta carta parece que no primeiro século depois de Cristo existia uma escrita abreviada na Grécia. Mas tratava-se efetivamente de uma taquigrafia? Não se pode afirmar com certeza.

Só no segundo século d. C. podemos ter certeza da existência de uma verdadeira escrita taquigráfica, graças a um papiro escrito em grego e descoberto no ano 1905 em Oxyrhinchus, no antigo Egito, onde se lê:

“Panechotes, chamado também de Panares, antigo magistrado de Oxyrhinchus, por meio do seu amigo Gemello a Apolônio, semiógrafo, saudações. Eu coloquei junto a ti Charaimmone, escravo, para aprender os signos que o teu filho Dionísio conhece, pelo período de dois anos, datando do presente mês de Phamenoth, do XVIII ano do nosso senhor Antonino César, pelo honorário estipulado entre nós, de 120 dracmas, excluídos os dias de festa, de cujo montante tu já recebeste uma primeira parcela de 40 dracmas, e receberás a segunda parcela de 40 dracmas quando o jovem tiver aprendido todo o sistema; e a terceira parcela, das últimas 40 dracmas, recebê-la-ás ao final do contrato do aprendizado, quando ele já for completamente capaz de escrever e de ler corretamente, sem erros, qualquer escrito em prosa.” “O XVIIIº ano do Imperador Tito Elio Adriano Antonino Augusto Pio, Phamenot, a saber, 15 de novembro de 155.” (Trecho extraído da tradução de Enrico Majetti, na sua obra “Disegno Storico della Stenografia, pág.13.)

Desta forma podemos afirmar que na Grécia, nos séculos antes de Cristo, nunca tenha existido uma escritura particularmente abreviada, que fosse sistematizada e tivesse potencialidade e características taquigráficas. E isso é amplamente demonstrado exatamente pela falta absoluta de documentos comprobatórios da existência de uma verdadeira taquigrafia grega nesse período.

Exatamente o contrário acontece com a taquigrafia romana, da qual temos abundantes documentos sobre a sua existência e uso no primeiro século antes de Cristo.

Para a nossa análise, precisamos distinguir a forma abreviada de escrita comum da forma genuinamente taquigráfica. Mesmo entre os romanos, a criação de uma autêntica taquigrafia foi precedida de um período que podemos chamar de pré-taquigráfico. Neste período, desenvolveram-se abreviações da escrita ordinária e por volta do IIIº século a. C. , temos as chamadas *Notas de Quinto Ênio*, fato determinante para o desenvolvimento da taquigrafia latina.

Vem muito a propósito a tese sustentada pelo Dr. H. Boge (aluno de Arthur Mentz, renomado estudioso e historiador da taquigrafia romana e grega), ao obter, em 6 de fevereiro de 1963, o doutorado pela Faculdade Filosófica da Universidade Humboldt, de Berlim, apresentando a dissertação “Estudo sobre a antiga taquigrafia grega e sobre a prioridade da sua invenção”. Disse H. Boge: “*Não diminuem os méritos da civilização grega, se atribuirmos a invenção da taquigrafia a Roma. Não podemos esquecer o “senso prático” dos romanos, que se manifesta em outros setores, no Estado, no Direito, no Exército. Os gregos, por um lado, procuraram aperfeiçoar a escrita alfabética com a criação de sinais diacríticos; por outro lado, esforçaram-se por simplificar a taquigrafia romana, muito difícil para ser aprendida, e criaram a taquigrafia silábica. A esta última determinação de aperfeiçoamento juntaram-se também os romanos.*”

ÊNIO E AS NOTAS ENIANAS



Isidoro, retratado por Murillo

Os romanos tinham o hábito de usar siglas. Ênio recolheu essas siglas e ordenou-as, com o intento taquigráfico. Sobre esse Ênio, temos notícia através de uma enciclopédia muito divulgada na Idade Média, *Etymologies* (Das Origenes, I, 22, *de notis interpretandis*), de S. Isidoro, Bispo de Sevilha, célebre escritor espanhol, considerado o homem mais douto do seu tempo. De acordo com o filólogo e paleógrafo berlinense Ludwig Traube, autor de *Die Geschichte der tironischen Noten bei Suetonius und Isidorus* (Berlin 1901), este trecho teria sido reelaborado de uma obra, andada perdida, de Caio Tranqüilo Suetônio (c. 70 - c. 141 d.c.): *De Viribus Illustribus*, ou antes (como agora se admite) reelaborando antigos compêndios e glossários. O trecho revela a seqüência do desenvolvimento da taquigrafia em Roma. O texto é o seguinte:

<p>“Vulgares notas Ennius primus mille Et centum invenit.</p> <p>Notarum usus erat, ut quidquid pro contione vel contentione aut in iudiciis diceretur, librarii scriberent complures simul adstantes, divisis inter se partibus, quot quisque et quo ordine exciperet.</p>	<p>“Ênio, primeiro, reuniu mil e cem notas vulgares.</p> <p>O uso das notas servia para que o que fosse dito nos discursos, nos debates ou nos tribunais vários amanuenses que se encontravam presentes registrassem, dividindo as partes entre eles, de modo que cada um recolhia quantas palavras pudesse, em uma certa ordem.</p>
---	--

<p>Romae primus Tullius Tiro, Ciceronis Libertus, commentatus est notas, sed tantum Praepositionum.</p>	<p>Em Roma, primeiro Túlio Tiro, liberto de Cícero, fez uma coletânea de notas, mas apenas das preposições.</p>
<p>Post eum Vipsanius Philargius et Áquila, libertus Maecenatis, alius alias addiderunt. Denique Sêneca, contractu omnium, digestoque et aucto numero, opus effecit in quinque milia.</p>	<p>Depois dele, Vipsânio Filárgio e Áquila, liberto de Mecenas, e outros, fizeram ainda acréscimos. Por fim, Sêneca, reunindo tudo, ordenou e aumentou as notas, chegando a cinco mil notas.</p>
<p>Notae autem dicta eo quod verba vel Syllabas praefixis characteribus notent et Ad notitiam legentium revocent.</p>	<p>As notas são chamadas assim porque registram, com signos preestabelecidos, palavras ou sílabas, facilitando a posterior interpretação.</p>
<p>Quas qui didicerunt proprie jam notarii appellantur.</p>	<p>Aqueles que as aprenderam são, por isso, conhecidos como notários.</p>

Sobre este assunto, disse o gramático Valério Probo (54-61 d.C):

“Apud veteres cum usus notarum nullus esset, propter scribendi facultatem, maxime in senatu qui aderant scribendo, ut celeriter dicta comprehenderent, quaedam verba atque nomina ex communi consensu primis litteris notabant ut singulae litterae quid significarent in promptu era.” (Entre aos antigos, não estando ainda em uso os signos taquigráficos, alguns, e mais especialmente aqueles que no Senado tinham o encargo de recolher rapidamente o que era discutido, anotavam algumas palavras e alguns nomes com as letras iniciais, segundo um acordo preestabelecido, pelo qual ficava claro o que aquelas únicas letras significavam.)

Como observa muito bem o Dr. Julius Zeibig, em sua obra publicada em 1863, em Dresden, *“Geschichte und Literatur der Geschwindschreibekunst”* (História e Literatura da Arte de Escrever Rápido), Ênio foi, então, o primeiro a reunir mil e cem abreviaturas vulgares, portanto não das “abreviaturas especiais”, mas simples siglas que estavam, nos primeiros tempos, em uso junto aos romanos e eram chamadas “vulgares” porque eram usadas por todos.

A obra de Ênio pode, então, ser assim resumida: preparação pré-estenográfica, de passagem da escritura ordinária às Notas, mediante a valorização e incremento de abreviações com os signos alfabéticos já em uso.

Os romanos costumavam fazer abreviações e usar siglas. Por exemplo:

“C.” = César,

I.N.R.I. = Iesus Nazarenus Rex Iudeorum

I.P.S. = In pace sepultus

MuM = Monumentum

N.L. = Non licet; Non liquet; Non longe; Numerii Libertus.

Um detalhe interessante que pode parecer estranho no escrito de Isidoro de Sevilha é o fato de que, enquanto diz “*Vulgares notas Ennius primus mille et centum invenit*” (Ênio, primeiro, reuniu mil e cem notas vulgares), acrescenta: “*Romae primus Tullius Tiro Ciceronis libertus commentatus est notas sed tantum praepositionum*” (Em Roma, primeiro Túlio Tiro, liberto de Cícero, fez uma coletânea de notas, mas apenas das preposições.).



Louis Prosper Guénin

Alguns críticos, entre os quais Louis Prosper Guénin, consideram, baseados na suposta contradição de S. Isidoro, que o Ênio citado não devia ser romano, mas grego. (Louis Prosper Guénin, “Histoire de la Sténographie dans l’antiquité et au moyen age” – Paris 1908).

Outros críticos, no entanto, são de opinião de que o trecho de S. Isidoro, relativo a Ênio, não pode certamente constituir uma prova indiscutível da sua nacionalidade estrangeira.

De fato, mesmo admitindo que o Ênio citado por Isidoro de Sevilha fosse grego, ele teria desenvolvido a própria obra em Roma e a favor da língua latina, pois caso contrário não teria sido citado por S. Isidoro num capítulo onde fala exclusivamente da taquigrafia romana. De modo que, mesmo neste caso, o autor deveria ter dito, então, que Túlio Tiro foi o *segundo* a contribuir para o surgimento das Notas taquigráficas romanas e não o *primeiro*, como escreveu.

O que podemos deduzir é que as Notas de Quinto Ênio não tenham representado um verdadeiro sistema de taquigrafia, mas uma simples coleção de mil e cem abreviações da escrita ordinária. Em outras palavras, é provável que Quinto Ênio se tenha dedicado à tarefa de coordenação das abreviações latinas já existentes, aumentando-as até alcançar o número de mil e cem, aperfeiçoando-as de modo a torná-las mais uniformes, a fim de melhor servir ao fim a que deveria se prestar: o apanhamento dos discursos.

Desta forma se explicaria perfeitamente como S. Isidoro pudesse se referir a Ênio como o *primeiro* a contribuir decisivamente para o surgimento e para o desenvolvimento de uma escrita de caráter taquigráfico, enquanto ficaria claríssimo o motivo pelo qual Tiro tenha sido o *primeiro* em Roma – como inventor de uma verdadeira taquigrafia.

Interessante notar que as abreviações de Quinto Ênio eram chamadas de “vulgares notae”, isto é, “abreviações da escrita comum”, enquanto que os signos especiais de abreviações estenográficas eram chamadas de “notae compendiariae”. A palavra latina “compendarius” significando “sumário, breve, o caminho mais curto, o atalho”.

Podemos, então, resumir, do que foi exposto acima, que Ênio foi o primeiro inventor das abreviações vulgares (simples abreviações da escrita ordinária), o primeiro a ter contribuído para o surgimento e o desenvolvimento da taquigrafia romana.

O mérito de Quinto Ênio nunca será por demais louvado. Seu trabalho de colecionar abreviaturas foi decisivo para o advento das Notas Tironianas. Ele preparou o terreno. Ao coletar e dar uso prático às abreviações vulgares, ele não fez outra coisa senão estimular a criatividade de outros, no sentido de idealizarem um sistema mais organizado, mais amplo, com abreviaturas mais concisas, que fossem mais eficientes no apanhamento dos discursos. Neste sentido, a coletânea de abreviaturas de Quinto Ênio foi a semente do que viria a ser um verdadeiro sistema organizado de taquigrafia: as Notas Tironianas.

O que hoje chamamos de estenografia (do grego *stenós*, estreito, conciso, e *grafé*, escrita), teve tal nome *no começo do séc. XVII*, e era chamada pelos antigos, mais apropriadamente, taquigrafia (*tachús*, rápido), semiografia (*semeíon*, signo), ou simplesmente *notae*, de onde a denominação de notário a quem assim escrevia.

AS NOTAS TIRONIANAS

Se no terceiro e no segundo século a.C. se desenvolveram as abreviações da língua latina, só no último século a.C. surge uma autêntica taquigrafia, usada para recolher a palavra dos oradores. Roma prepara-se para ser um Império, submete povos ao seu domínio, anexa territórios, o seu poder torna-se a cada dia maior. As condições sócio-político-culturais em Roma são fatores essenciais que vão desencadear o surgimento de uma autêntica taquigrafia no último século a.C.

Talvez baseados na frase célebre de Horácio (Epístulas, 2.1.156), “*Graecia capta ferum victorem cepit, et artes intulit agresti Latio* (A Grécia, subjugada, subjugou o seu selvagem conquistador, e introduziu as artes no agreste Lácio.) e em outros dados, alguns historiadores, como Guénin, acreditavam que os romanos haviam aprendido com os gregos as abreviações taquigráficas. Kopp, após minucioso estudo comparativo, chegou à conclusão de que as Notas Tironianas não tiveram uma origem grega, embora admita que alguns signos possam ter sido adotados dos gregos. Segundo Kopp, tal fato não é de admirar, já que os taquígrafos romanos estavam acostumados a usar o seu sistema de taquigrafia para taquígrafarem tanto em latim quanto em grego.

Vários estudiosos se ocuparam e escreveram obras sobre a taquigrafia dos romanos. Uma das obras mais notáveis foi a de Ulrich Friderick Kopp, em quatro volumes. Thomas Anderson (History of Shorthand) qualifica a obra de Kopp como “um trabalho maravilhoso, um oceano de brilho paleográfico, agradável pela sua erudição, seu estilo e suas ilustrações”.

E acrescenta Thomas Anderson: “*The Roman stenography, he shows, was not so much the offspring of theory as of practice, and that it was built up not according to any preconceived plan, but more probably framed and developed in an improvised manner, and by many hands. No man ever did, or ever could, sit down and plan such a system as that. It was, as he proves, a gradual creation; an art as well as a science. And actual and constant practice side by side with well-considered attempts to adapt the most ingenious of theories with the unyielding exigencies of the case, were indispensable factors in its formation.*” (A estenografia romana, ele (Kopp) mostra, foi mais fruto da prática que da teoria, e foi construída, não segundo um plano preconcebido, mas mais provavelmente concebida e desenvolvida de maneira improvisada, e por muitas mãos.

Homem nenhum teria podido criar ou planejar um sistema como esse. Foi, como ele prova, uma criação gradual. Uma arte e uma ciência. E foram fatores indispensáveis para a sua formação, uma prática constante e efetiva, lado a lado com tentativas bem concebidas para adaptar a mais engenhosa teoria às rígidas exigências das circunstâncias.)

O primeiro sistema organizado de taquigrafia surge em Roma, por obra de Marco Túlio Tiro. Não temos nenhuma notícia sobre a época exata na qual essas Notas (Abreviações) surgem e venham a ser usadas na prática.

Segundo o historiador Gustav Sarpe (*Prolegomena ad Tachygraphiam Romanam*, Rostochii, 1829, pág. 116), a primeira tomada estenográfica teria ocorrido por ocasião de uma oração de Cícero contra Verres, em 70 a. C.

Outra teria tido lugar, de acordo com Karl Faulmann, no dia 8 de novembro de 63, por ocasião da primeira Catilinária. Este historiador argumenta com o fato de encontrar-se, na coletânea das Notas, uma sigla (que não se teria podido formar e conservar a não ser posteriormente) para a famosa frase “Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?” (Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?).

Este fato evidencia que já estaria em uso o recolher estenograficamente os discursos.

Locuções em Notas Tironianas. Ver o penúltimo taquigrama: “Quousque tandem...”

	populo plebique romano		secundum rerum naturam		in regno nostro
	decemviri legibus iudicandis		extra rerum naturam		sanctissimo domino
	quindcemviri satisfaciendi		totus orbis		fratri in Christo
	Commentario II		totus orbis terrarum		quorum nomina separationis subter tenentur inserta
	sine dolo malo		sine ulla funebris pompa		Hic finem faciunt notas
	dolus malus abesto		vir magnificentissimus	
	quousque tandem abutero Catelena patientia nostra		vir clarissimus	
	quorum nomina subter tenentur inserta		contra statuta maiorum	
	optime de republica populi romani meritis		vobis audientibus		quousque tandem abutero candelena patientia nostra
	pessime de republica populi romani meritis		vobis praesentibus		quorum nomina vel signacula subter tenentur inserta
			vobis absentibus		



**Cícero pronuncia no Senado a primeira Catilinária
(Afresco de Cesare Maccari – Roma, Palazzo Madama)**

Temos, finalmente, em 5 de dezembro de 63, uma manifestação **oficial**, de que nos dá notícia Plutarco, num trecho da sua “Vida de Catão Uticense”, onde diz, a propósito do discurso com o qual Catão soube convencer o Senado a pronunciar a condenação capital contra Catilina e seus conjurados: **foi organizado um serviço de taquígrafos (notários)**.

Nesta sessão, o Senado devia decidir a sorte dos conjurados de Catilina, descobertos e presos, e Júlio César havia proposto para eles a pena de exílio perpétuo, mas o enérgico, eloqüente e obstinado discurso de Catão induz o Senado a deliberar pela condenação à pena de morte.

Plutarco narra, na sua história de Catão Uticense (Vida dos Homens Ilustres Gregos e Romanos), *“que este discurso de Catão (contra Catilina) foi conservado porque o cônsul Cícero dispôs aqui e ali, no plenário, velocíssimos escreventes (amanuenses) e instruiu-os para que registrassem os discursos com certos signos pequenos e breves, os quais tinham força de muitas letras. Dizem que essa foi a primeira demonstração dessa forma de escrever.”*

Esta é uma das provas mais importantes sobre a absoluta romanidade da origem das Notas Tironianas. De fato, se existisse, antes da taquigrafia romana, uma grega, Plutarco não teria deixado de dizer e muito menos teria afirmado que *“essa foi, então, a primeira demonstração dessa forma de escrever”*.

O serviço taquigráfico para a tomada do discurso de Catão constitui-se no *primeiro departamento taquigráfico parlamentar* que a História registrou. Foi, portanto, organizado por Cícero, e é de considerar-se, por certo, que o próprio Tiro tenha estado entre aqueles “velocíssimos escreventes” (cerca de quarenta), que pela primeira vez no mundo deviam fixar a palavra de um orador.



Marco Túlio Cícero

Sobre a participação de Cícero, assim se expressa Giuseppe Aliprandi, no artigo *Il primo Gabinetto stenografico parlamentare* (Rivista Sapere, Milão, 30 de novembro de 1937-XVI):

“E se explica perfeitamente o interesse de Cícero. Catilina havia sido seu adversário feroz, de forma que Cícero tinha interesse em extrair, daquela sessão, não um pálido resumo, mas uma documentação precisa, que só a taquigrafia é capaz de conseguir. Daí a mobilização de “rápidos escreventes”, hábeis taquígrafos, peritos nas tais “Notas Tironianas”.

A conjuração de Catilina foi frustrada por Cícero, e foi grande o reconhecimento do Senado romano pelo Arpinate (esta era a alcunha de Cícero, por ter nascido em Arpino).

“Aurélio Cotta propôs, por causa disso, uma festa de agradecimento em honra de Cícero (recompensa concedida, até então, apenas aos generais vitoriosos), com uma motivação lisonjeira: *porque ele havia salvado Roma de incêndios, os cidadãos de uma carnificina e liberado a Itália da guerra.* A proposta foi aprovada por aclamação. Era a primeira vez que uma honraria semelhante era conferida a um magistrado de toga. Quinto Lutácio Catulo, em plena sessão do Senado, qualificou Cícero com a denominação de “pai da pátria” (MAFFIO MAFFII, *Cicerone e il suo dramma político*).

Depois da tomada estenográfica do discurso de Catão, é certo que o uso da taquigrafia se difunde sempre mais. Asconio Pediano conta que o discurso de Cícero “Pro Milone” (52 a.C.) foi taquigrafado.

Foram taquigrafadas, de igual forma, em 44-43, as Filípicas de Cícero e, em 15 de março de 44, o discurso pronunciado por Marco Antônio diante do cadáver de Júlio César. Já este havia, desde 59, estabelecido que as discussões no Senado fossem registradas por taquígrafos para a publicação das “Acta Senatus”. Este foi, inclusive, um dos fatores a incrementar a prática da taquigrafia.

Passados onze anos do primeiro apanhamento taquigráfico, as Notas Tironianas haviam sofrido um desenvolvimento tal que a tomada de discursos pronunciados no Foro e no Senado devia acontecer de modo contínuo e normal.

Isto prova, além do mais, no dizer de Mario Canale, em seu livro “La Stenografia risorta ad arte romana”, que *“a única alusão de Plutarco a uma escrita veloz deve ter sido feita para aludir a uma arte efetivamente nova, e que, pela primeira vez, dava uma demonstração prática do seu uso e da sua importância”.*

É importante salientar que tanto o trecho de Plutarco quanto o de S. Isidoro foram comentados e discutidos de várias maneiras. Mas há algo com que todos concordam, e aparece claro nos textos, que Cícero foi o promotor do uso público da taquigrafia em Roma e que Marco Túlio Tiro teve o mérito de uma importante reforma das Notas.

A importância da obra de Tiro foi a de ter feito uma espécie de sistema e de ter propiciado a possibilidade de taquigrafar sozinho, como podemos depreender do trecho de Plutarco, onde é dito que os taquígrafos eram distribuídos pelo Senado, enquanto

antes os que usavam as Notas de Ênio deviam escrever “complures simul adstantes”, isto é, coletivamente e com meios primitivos, como sugerem Valério Probo e S. Isidoro.

Um ponto a ressaltar é que junto aos romanos as traduções das tomadas taquigráficas eram particularmente acuradas, e quando o trabalho resultava incompleto ou falho, preferia-se evitar a publicação integral, segundo referem as palavras de Sêneca em *Apocolocyntosis Claudii Caesaris, Ludus de Morte Claudii Caesaris*.

Por outro lado, o trabalho dos taquígrafos era disciplinado por regulamentos rígidos e toda transgressão era severamente punida.

Assim, em Elio Lamprido, lemos *Alessandro Severo*: “Eum notarium, qui falsum causae breve in consilio imperatoris retulisset, (Severus) incisus digitorum nervis, ita ut nunquam posset scribere, deportavit.” (Àquele taquígrafo, que havia transcrito uma pequena falsidade na tradução das discussões do Conselho Imperial, Severo, depois de mandar cortar-lhe os tendões, de modo a que não pudesse mais escrever, o fez deportar.)

Um ponto a considerar é que as Notas Tironianas não eram apenas uma simples coletânea de abreviações, mas, sim, um conjunto orgânico, onde as partes se harmonizavam com o todo.

Giuseppe Aliprandi afirma que “as Notas Tironianas são indubitavelmente um sistema abreviativo segundo critérios gramaticais. As palavras de fato são abreviadas de modo diverso, diferindo as palavras simples das palavras compostas: no primeiro caso, há uma posição distinta da desinência, no segundo caso, do prefixo.

Podemos afirmar que as Notas foram um sistema taquigráfico orgânico, que se desenvolveu em Roma, quando se fez sentir a necessidade de uma escrita não apenas abreviada, mas veloz, que pudesse captar a palavra dos oradores.”

A História relata ainda sobre alguns personagens que ajudaram a aumentar as abreviações tironianas, como Áquila, liberto de Mecenas, e também Vipsanio Filargio, um provável liberto de Agripa.

Sabemos, por Aulo Gélio e por outros, que Tiro era uma autoridade no campo lingüístico e, portanto, absolutamente capaz de criar uma síntese gráfica e científica relacionada à língua latina.

Escreve a este propósito F. Tedeschi, em *L'arte della Stenografia*, pág. 15, 2ª edição, Turim, 1874: “Tiro foi o primeiro a ter a louvável idéia de reunir os vários meios abreviativos e as várias abreviações, de que costumavam se servir, em seu tempo, os romanos. Regulando-as numa única regra, adaptando-as a uma única medida e critério, formou aquilo que deve ser um verdadeiro sistema estenográfico, pois que apenas pode ser chamado com tal nome, um sistema em que todas as partes se harmonizem entre si e com o todo”.

Há alguns historiadores que acham ter sido o próprio Cícero o autor das Notas Tironianas. Mas, como disse o Carpentier, “*si notarum inventor esset Cicero, debita illum laude non defraudasset Plutarchus, sed ne Cicero ipse id aliis commemorandum reliquisset*”. (Se Cícero tivesse sido o inventor das Notas, Plutarco não o teria privado dos devidos louvores, nem o próprio Cícero teria deixado a outros a tarefa de recordar o fato.)

A este propósito diz Gabelsberger: “*De tudo isso, todavia, não se pode deduzir que a inteira criação da escrita com abreviaturas dos Romanos deva ser atribuída apenas a Cícero, mas deveria, com muita maior probabilidade, ter sido obra do incansável Tiro, uma obra executada segundo os desejos do seu patrão e de tê-la levado a tal grau de perfeição, a ponto de poder registrar com segurança, e palavra por palavra, os discursos que se pronunciavam no Senado, onde Cícero era membro efetivo, enquanto Tiro tinha o cargo de chefe de outros funcionários, como redator encarregado de compilar os registros das sessões.*”

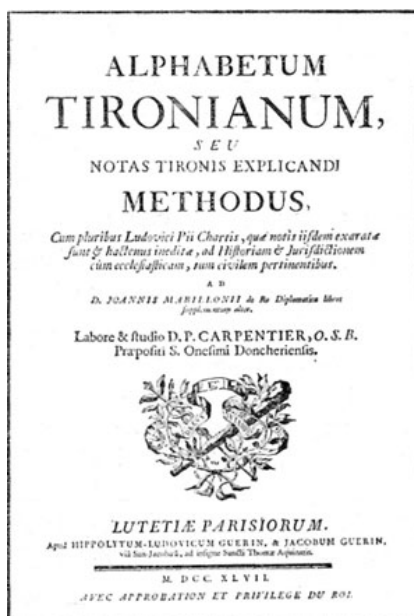
É importante ressaltar também, em relação às origens desta escrita veloz, o que disse Pierre Carpentier, no prefácio da sua obra “Alphabetum Tironianum, seu Notas Tironis Explicandi Methodus (1747)” : “*Modo id confesso sit, nec uno tempore, nec eodem auctore inventas (notas) fuisse*”. (É indiscutível que as Notas não foram inventadas nem em uma só época, nem por um só autor.)

Dom Pierre Carpentier, beneditino, prior de Donchery, foi um dos primeiros a tentar compreender as Notas Tironianas. Ele se baseou no trabalho preliminar de Jean Gruter, filólogo e historiador belga. Gruter publicou, em 1602 uma coletânea de 13 mil Notas Tironianas, como apêndice à obra “Inscriptiones antiquae totius orbi romani”.



Jean Gruter

O Carpentier, na verdade, apenas retoma e corrobora o que havia dito S. Isidoro de Sevilha: “*Post eum (Tiro) Vipsanius Filargius et Áquila, libertus Maecenatis, alius alias addiderunt. Deinde Sêneca, contracto omnium digestoque et aucto numero opus effecit in quinque milia prolatum*” (Depois dele (Tiro), Vipsânio Filárgio e Áquila, liberto de Mecenas, e outros, fizeram ainda acréscimos. Por fim, Sêneca, reunindo tudo, ordenou e aumentou as Notas, chegando a cinco mil Notas.)



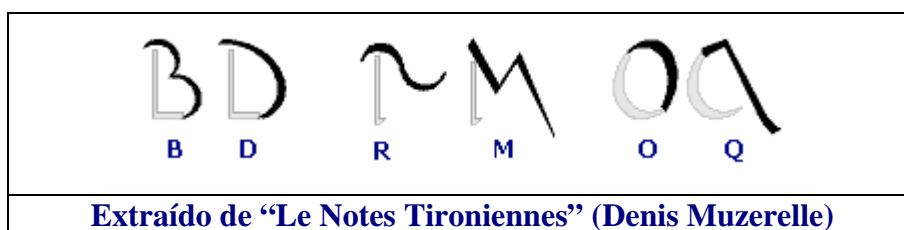
Frontispício do Carpentier

UM PEQUENO RESUMO

Resumindo a trajetória da taquigrafia romana, podemos dizer que no século 2º a.C., um Ênio reuniu e ordenou as abreviações comuns, ou “*notae vulgares*”, possibilitando uma estenografia *coletiva*. Em 70 a.C., Marco Túlio Tiro, inspirando-se nas abreviaturas gregas e com o auxílio de Cícero, simplificou as Notas Enianas, idealizou novos expedientes abreviativos, de modo a criar um método que possibilitava taquigrafar *individualmente*, e que foi posto em prática publicamente pela primeira vez em 63 a.C., no Senado.

Depois dele, outros estudiosos e peritos na matéria (entre os quais Vipsânio liberto de Agripa, e Áquila liberto de Mecenas), estabeleceram as abreviações por elementos agregados, especialmente desinências das flexões nominais e verbais.


Em seguida, Sêneca fez outros acréscimos e deu um ordenamento definitivo a toda prática taquigráfica.



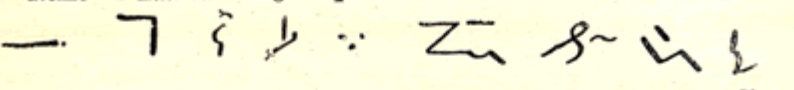
Extraído de “Le Notes Tironiennes” (Denis Muzerelle)

Notas Tironianas – do livro “History of Shorthand”, de Thomas Anderson.

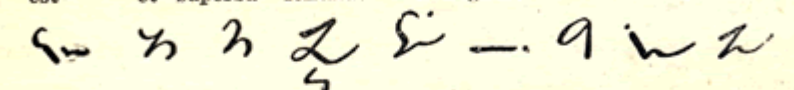
50 HISTORY OF SHORTHAND.



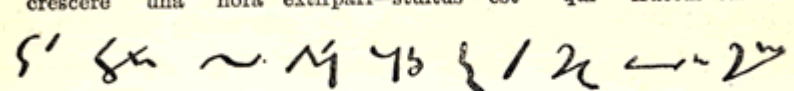
 Nemo fideliter diligit quem fastidit nam et calamitas querula




 est et superba felicitas non ignores arbores magnas diu



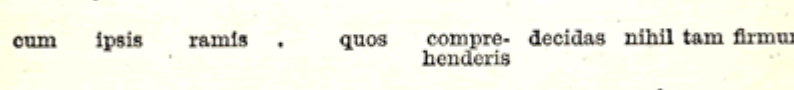
 crescere una hora extirpari—stultus est qui fructus earum



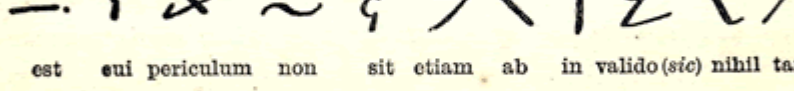
 spectat altitudinem non metit vide dum ad cacu-pervenire con-
(sic) (sic) men tenderis



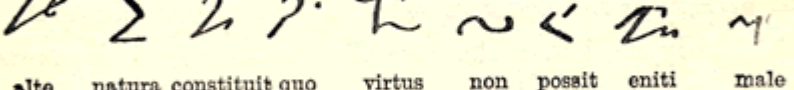
 cum ipsis ramis . quos compre- decidas nihil tam firmum
henderis



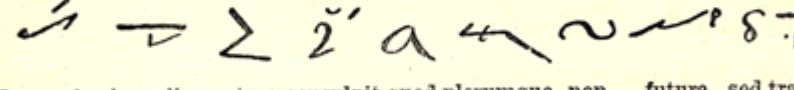
 est cui periculum non sit etiam ab in valido (sic) nihil tam



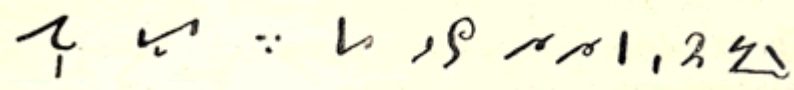
 alto natura constituit quo virtus non possit eniti male



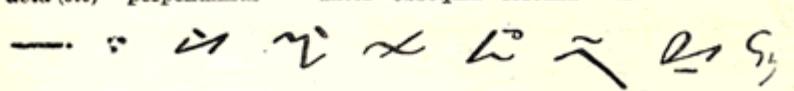
 humanis ingeniis natura consuluit quod plerumque non futura sed trans



 acta (sic) perpendimus Inter obsequia fortuna in cauta mortalitas



 est Perpetuum malum regis (sic) adulatio quorum opes scepius



 adsentatio quam hostis evertit Hominem conse- aliquando nunquam
quitur